



Evento	Salão UFRGS 2014: FEIRA DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DA UFRGS – FINOVA
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	O Paradoxo da Intensidade Tecnológica e Inovação no Brasil
Autor	LUIZA DLUGOKENSKI MARMENTINI
Orientador	PAULO ANTONIO ZAWISLAK

O Paradoxo da Intensidade Tecnológica e Inovação no Brasil

Entender a inovação, em um país como o Brasil, onde as bases tecnológicas são retardatárias e, muitas vezes, de origem externa, necessita uma visão alternativa. De modo geral, é possível observar que não são todas as indústrias que se comportam como as dos países desenvolvidos. A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2011) divide os setores em baixa, média-baixa, média-alta e alta intensidade tecnológica. A especificidade brasileira está no fato de várias empresas, mesmo entre as consideradas de alta intensidade, na verdade, são muito mais plantas produtivas que importam P&D. Inversamente, setores considerados de baixa intensidade tecnológica, onde se esperaria uma estagnação das atividades de desenvolvimento, observa-se a existência de atividades de P&D, gerando, assim, inovações. Se diferentes autores (Hatzichronoglou, 1997; Bhattacharya & Bloch, 2004) comumente associam a inovação como um resultado dos esforços feitos nas empresas de alta intensidade tecnológica, estudos mais recentes têm apresentado uma realidade alternativa. De acordo com o cenário em que atuam, empresas de média-baixa e baixa intensidades também podem apresentar capacidade de inovação que lhes permita vantagem competitiva (Hirsch-Kreinsen, Hahn & Jacobson, 2008; Zawislak et al., 2012). O modelo das capacidades de inovação (Zawislak et al., 2012), segundo o qual toda empresa terá, em diferenças, medidas diferentes combinações de desenvolvimento, operações, gestão e transações, propõe um olhar alternativo, que vai além da atividade de inovação tecnológica. Em outras palavras, permite que se enxergue inovação, independentemente da intensidade tecnológica da empresa, em suas atividades produtivas, na rotina gerencial ou, ainda, nas ações mercadológicas. A partir dessa perspectiva, o presente trabalho tem por **objetivo analisar a relação entre a intensidade tecnológica das empresas e a sua capacidade de inovação**. Para responder a esse objetivo, utilizou-se a base de dados do projeto de pesquisa “Caminhos da Inovação da Indústria Gaúcha” (Edital 08/2009 – FAPERGS/CNPq – PRONEX). Durante a pesquisa foi aplicado um questionário que abordou as quatro capacidades de inovação das empresas (desenvolvimento, operação, gestão e transação), bem como o seu desempenho, junto a empresas de diferentes setores industriais do Rio Grande do Sul. A versão final do questionário foi aplicada em uma base de 10.930 empresas do Cadastro Industrial da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul - FIERGS de 2010. Nesta fase foram obtidas 1.331 respostas válidas. As análises foram realizadas com o objetivo de fazer agrupamentos (clusters) de acordo com o desempenho das empresas, medidas pela margem. Parte-se do pressuposto que deveria haver uma relação direta entre a inovação e as margens das empresas, sendo assim, empresas de alta intensidade apresentariam margens maiores, por serem mais inovadoras, enquanto que as de baixa intensidade teriam margens menores sendo, portanto, menos inovadoras. A análise de cluster dividiu as empresas em dois grupos, o **cluster 1**, que abarca 1.236 empresas de **menores margens** (até 19,99%), conta com 48% de empresas de baixa intensidade, 26,31% de média-baixa, 22,56% de média-alta, e 1,48% de alta intensidade tecnológica. O **cluster 2** possui 50 empresas de **maiores margens** (acima de 20%). O cluster de maiores margens é formado por 40% de empresas de média-baixa intensidade, 34% de média-alta intensidade, 24% de baixa intensidade e *nenhuma empresa de alta intensidade*. Assim, observa-se que no Brasil a situação é adversa. Por se tratar de um país emergente, de fato, a maioria das empresas é de baixa e média intensidade tecnológica e também apresentam margens menores, entretanto existem exemplos desse tipo de empresa atingindo altas margens. Ressalta-se o fato de que não são, justamente, as empresas classificadas como de alta intensidade as que mais inovam, mas que tal comportamento estaria naquelas classificadas como de média-baixa e baixa intensidade. A inovação, portanto, não é apenas uma consequência de pressupostos setoriais, mas também são um reflexo dos esforços que cada empresa faz em suas capacidades de inovação.